

TrekkerCultura

TrekkerCultura® - Boletim Cultural - N. 20

Frota Estelar Brasil

Boletim publicado em outubro de 2000

Os roteiristas de Jornada nas Estrelas adoram usar citações literárias em títulos de episódios. O título do episódio [Um Lamento por Adônis](#) (Who Mourns for Adonais), da série clássica, foi retirado de um famoso poema do inglês **Percy Shelley** (1792-1822). É sobre isso que vamos falar neste boletim.

O episódio trata da famosa teoria dos "deuses astronautas", que tem no alemão Erich von Däniken seu maior defensor. Segundo essa teoria, viajantes espaciais teriam visitado a Terra séculos atrás, tendo sido aceitos como deuses pelos primitivos seres humanos. Mas o objetivo deste boletim não é discutir teorias polêmicas, e sim comentar as citações literárias, então vamos lá!



"Who mourns for Adonais" é um verso da elegia (poema lírico, em tom terno e triste) que Percy Shelley escreveu em homenagem ao amigo **John Keats** (1795-1821), um dos maiores poetas britânicos, que morrera vítima de tuberculose. Shelley e Keats foram amigos íntimos por um curto período de tempo entre 1817 e 1818. Algum tempo depois, Keats, já muito doente, aceitou o convite de Shelley para ir morar em sua casa na Itália, na esperança de que os ares do Mediterrâneo ajudassem em sua recuperação. Mas sua saúde estava bastante debilitada e ele acabou falecendo em fevereiro de 1821.

Shelley pôs-se então a escrever *Adonais*, poema com 55 estrofes e 495 versos, em homenagem ao poeta morto. No poema, ele compara o amigo morto a Adônis, deus da mitologia grega. Não se sabe por que ele alterou a grafia para "Adonais", mas os críticos e estudiosos são unânimes na interpretação de que se trata de uma referência a essa divindade, filho de Afrodite.



Afrodite era a deusa da natureza na Grécia Antiga e era adorada principalmente durante a primavera, em meio aos bosques e jardins floridos. Entretanto, todos percebiam como eram curtas as festas da primavera. De fato, as flores mal acabavam de desabrochar e já murchavam. Assim, para explicar esse crescimento e morte tão rápidos, os gregos criaram a maravilhosa lenda de Adônis.

Imaginando ser Afrodite a mãe da vegetação, deram-lhe um filho, Adônis, que representava a radiosa mas breve eclosão da primavera. Adônis nasceu, então, no início da primavera, estalando da casca de uma árvore. Seu crescimento foi rápido. Sua vida, entretanto, foi como a das rosas: efêmera e prematuramente ceifada pela morte. Foi justamente no fim do verão, quando as flores pendem e morrem, que Adônis partiu também para o mundo invisível. Ele perseguia um javali, quando o animal voltou-se contra ele e feriu-lhe mortalmente. Ouvindo os gritos do filho, Afrodite correu para salvá-lo. No caminho, pisou descalça numa roseira; o sangue escorreu de seus pés e o arbusto, que até então só dava rosas brancas, passou a dar rosas vermelhas. Quando chegou até o filho, encontrou-o morto e gelado.

A vida esplêndida de Adônis e sua morte prematura eram objeto de verdadeiro culto na Grécia Antiga. No dia marcado para comemorar sua dolorosa morte, as mulheres choravam, soluçando e gritando. Sobre um leito de prata recoberto de púrpura, jazia um simulacro do corpo de Adônis morto. Uma

abóbada de vegetais protegia o leito mortuário. Viam-se por toda parte dezenas de oferendas, como frutos variados e frascos de perfume. Em torno daquela "capela", as desoladas adoradoras de Adônis desfilavam durante um dia e uma noite, batendo no peito e gemendo como em funerais autênticos. No amanhecer do dia seguinte, as mulheres, descabeladas e ainda soltando gritos de dor, iam, em grande pompa, jogar o "corpo" nas ondas do mar. Assim que o "corpo" afundava sob as águas, elas passavam a entoar alegres cânticos, pois Adônis, com as chuvas da próxima estação, ressuscitaria na vegetação.



Em seu poema, Shelley quis expressar a semelhança entre Keats e Adônis. Da mesma forma que o ser mitológico, Keats também morreu precocemente, aos 26 anos, após tão fértil produção literária - como flores desabrochando na primavera para morrerem em seguida.

Shelley inicia o poema pedindo que chorem por "Adonais" (Keats), da mesma forma que as mulheres choravam por Adônis.

I weep for Adonais - he is dead!
Oh, weep for Adonais! though our tears
Thaw not the frost which binds so dear a head!

Eu choro por Adonais – ele está morto!
Oh, chorem por Adonais! Embora nossas lágrimas
Não possam derreter o gelo que se formou em torno de alguém tão querido!

O primeiro verso da 47ª estrofe traz o título do episódio de *Jornada*. Novamente, ele pergunta quem chora pela morte de Adonais.

Who mourns for Adonais? Oh, come forth,
Fond wretch!

Quem chora pela morte de Adonais? Oh, apareça,
Desolado adorador!

Mas a dúvida agora surge: por que citar Adônis no título se o personagem principal do episódio é Apolo? Apolo e Adônis são deuses diferentes da mitologia grega. Apolo, filho de Zeus, era patrono da profecia, da arte de usar o arco e a flecha, da juventude e da medicina, e deus da claridade.



Talvez o roteirista - além de tornar o título mais "sofisticado" por citar um poeta famoso - tenha desejado fazer um paralelo entre um poeta que chora a morte de outro e a humanidade que chora a morte de seus deuses. No final do episódio, Kirk e a tripulação também lamentam a "morte" de Apolo, ou seja, lamentam ter perdido o último "deus" grego, parte de uma mitologia que tanto influenciou a cultura ocidental.

Diferentemente de Adônis, vida longa e próspera a todos! Até a próxima.

[Anterior](#) | [Próximo](#)

[Página Inicial](#)